



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14042 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT05 - Estado e Política Educacional

Perspectivas acadêmicas e midiáticas sobre o Novo Ensino Médio

Júlia Cabral Rinaldi - PUC-CAMPINAS - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

### **Perspectivas acadêmicas e midiáticas sobre o Novo Ensino Médio**

Os debates sobre o “Novo Ensino Médio” (NEM) tornaram-se recorrentes no meio acadêmico. O objetivo deste estudo é mostrar como o NEM é discutido a partir dos ideais da sociedade civil, política e bloco histórico, bem como da hegemonia e repercussão midiática. A revisão da literatura mostra temas recorrentes como juventude, protagonismo estudantil, desinteresse e evasão escolar, culpa individual, imagem do professor, qualidade da educação, persistência da tecnologia na educação, modalidades de ensino e sistemas de avaliação. A pesquisa analisa trabalhos acadêmicos e reportagens da mídia para entender se a abordagem visa criar hegemonia e até que ponto a mídia privada pode enviesar o debate. A retomada dos temas recorrentes é aqui apresentada como resultado preliminar.

**Palavras-chave:** Novo Ensino Médio, qualidade da educação, mídia, hegemonia

Desde a medida provisória instaurada no governo Michel Temer, o tema do Novo Ensino Médio se tornou pauta recorrente dentro da academia. A intenção deste estudo é mostrar como este tema foi construído a partir de ideais da sociedade civil, política, de um bloco histórico, da hegemonia e da repercussão midiática do NEM. Revisando a literatura sobre o Novo Ensino Médio no Brasil a partir de 2016 (ANDRADE; GAWRYSZEWSKI, 2018,

BARRIOS; GARCIA; CZERNISZ, 2018, CARDOSO; OLIVEIRA, 2021, CASAGRANDE; ADAM, 2018, CIGALES; ASSIS; SALES; QUEVEDO, 2020, CORRÊA; GARCIA, 2018, FÁVERO; COSTA; CENTENARO 2019, FERNANDES; VASCONCELOS; CARVALHO, 2021, FERREIRA; ABREU; LOUZADA-SILVA, 2020, FERREIRA, 2020, GARCIA; CZERNISZ, 2022, dentre outros), é possível perceber alguns temas recorrentes, como a juventude, o protagonismo do estudante, o desinteresse e a evasão escolar, bem como a culpabilização do indivíduo, a imagem do professor, a questão da qualidade do ensino, a persistência das tecnologias na educação, as modalidades de ensino e a questão dos sistemas de avaliação, rankings ou mérito escolar.

Tendo como ponto de partida esse escopo inicial para discussão, a pesquisa se propõe a analisar as obras acadêmicas que tratam do tema Novo Ensino Médio a partir de 2016 e os documentos oficiais, bem como as propagandas referentes ao tema e as reportagens presentes na mídia no mesmo período a fim de entender se a abordagem tenta criar hegemonia e, em que medida, veículos privados podem tentar enviesar o debate. A proposta deste texto é apresentar os resultados preliminares da pesquisa, a partir da revisão de literatura — buscador “Novo Ensino Médio”, 1) catálogo de teses e dissertações da Capes (14 obras); 2) Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (7 obras); 3) Portal de Periódicos da Capes (56 obras). Foram selecionados os trabalhos publicados a partir de 2016 (ano da medida provisória) e foram excluídos os trabalhos que tratavam de temáticas muito específicas dentro do NEM. Concomitantemente, está sendo realizada uma pesquisa documental, levando em consideração as notícias sobre o Novo Ensino Médio a partir de 2016. Até o momento, foram fichadas as matérias presentes no Google para o ano de 2016, 153 no total, e parte das matérias disponíveis no portal globo.com para o mesmo ano, 51 até o momento. Cada documento selecionado será analisado a partir “dos seguintes elementos: contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto e conceitos-chave” (CECHINEL; FONTANA; GIUSTINA; PEREIRA; PRADO, 2016, n.p.), conforme a proposta de análise documental desses autores.

Os resultados da pesquisa até agora parecem sugerir algumas abordagens sobre os temas recorrentes. Como a mídia parecer tratar a juventude como um bloco fixo. Para Cardoso, Oliveira e Oliveira, “qualquer perfil juvenil precisará ser vinculado ao contexto histórico e social que está inserido para ser caracterizado e atribuído identidade, [...]” (2021, p.60). Segundo os autores existe um esforço para recontextualizar a questão do protagonismo do jovem. É notório também que “frequentemente veicula-se nos meios que defendem o novo formato do ensino médio que o objetivo é tornar a escola de nível médio mais atraente e articulada com o mundo em que se vive” (FÁVERO; COSTA; CENTENARO, 2019, p. 667).

Alguns pesquisadores também apontam que os alunos apresentam uma visão positiva sobre o dito protagonismo veiculado, como Cigales, Assis, Sales e Quevedo, (2020). Os mesmos autores relembram que o clamor pelo aumento da qualidade e atratividade dos alunos, mascaram problemas como a falta de investimentos, estrutura ou carreira docente, ou ainda, que é possível ver um encaminhamento que “possibilita engendrar a atual proposta formativa, com uma responsabilização individual a tirar de cena a discussão sobre a falta de postos de trabalho, a ausência de políticas públicas e a ausência do Estado no enfrentamento dos problemas sociais”. (GARCIA; CZERNISZ; PIO, 2022, p. 29). Na obra de Corrêa e Garcia (2018), existe uma análise da propaganda apresentada pelo governo e sua repercussão, que pode ter sido enviesada. Também foram encontrados autores falando sobre sistemas de avaliação, critérios nacionais, formação técnica e docência por “notório saber” (FÁVERO; COSTA; CENTENARO, 2019, p. 669-670).

Alguns autores que abordam o tema no período recortado também chamam a atenção para os grupos privados que influenciam nas discussões da área da educação, como o Instituto Inspirare, a Fundação Lemann, o Instituto Natura, Instituto Unibanco e também o apoio do Movimento Pela Base (FERREIRA, 2020, p. 262). Nos interessa também a influência dessa agenda de agentes internacionais como a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) — e junto com ela o Banco Mundial —, que passaram a impor temas como a própria “qualidade”, “eficácia”, “avaliação”, “trata-se também, com frequência, de um discurso que acredita que a inovação é, em si, um progresso” (CHARLOT, 2006, p.14), afim de influenciar a opinião pública. Ou seja, “trata-se de uma lógica construída a partir de uma nova concertação política, na qual se destacam, como principais agentes, o empresariado transnacional e as diferentes organizações criadas, por eles mesmos[...]” (GIROTTI, 2018, p.161), para criar uma hegemonia que parece visar o estabelecimento de grandes oligopólios com poder centralizado unicamente – por isso ainda está em desenvolvimento, já que ainda existem agentes dentro do capitalismo que não fazem parte dessas grandes elites globais, como o próprio Estado – na mão das grandes famílias multimilionárias, a partir de “slogans questionáveis”, nas palavras de Andrade e Gawryszewski, 2018, p. 120.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. P; GAWRYSZEWSKI, B. Desventuras da educação brasileira e as ‘reformas’ atuais: educar para a produtividade do trabalho. *Eccos*, São Paulo, n. 47, p. 105-125, set./dez. 2018.

CARDOSO, S. S.; OLIVEIRA, L. M. V. de; OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes e neoliberalismo: interfaces para pensar o currículo do ensino médio. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 29, n. 3, p. 57-73, set. 2021. Acesso em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/16367>. Acesso em: 28 novembro 2022.

CECHINEL, A.; FONTANA, S. A. P.; GIUSTINA, K. P. D.; PEREIRA, A. S.; PRADO, S. S. do. Estudo/análise documental: Uma revisão teórica e metodológica. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – UNESC, Criciúma*, v. 5, n. 1, jan./jun., 2016.

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2006, v. 11, n. 3, pp. 7-18. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000100002>>. Epub 17 Maio 2006. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000100002>. Acesso em: 25 de maio 2022.

CIGALES, M. ; ASSIS, D. ; SALES, L. ; QUEVEDO, G. H. C. . Reforma do Ensino Médio e Educação Remota: o que pensam os/as estudantes do Distrito Federal?. *NORUS - NOVOS RUMOS SOCIOLOGICOS* , v. 8, p. 65-89, 2020.DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/NORUS.V8I14.20024](https://doi.org/10.15210/NORUS.V8I14.20024). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/20024>. Acesso em: 4 de janeiro de 2023.

CORRÊA, S. de S.; GARCIA, S. R. de O. “Novo ensino médio: quem conhece aprova!” Aprova?. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 604–622, 2018. DOI: 10.21723/riaee.v13.n2.2018.11469. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11469>. Acesso em: 19 de janeiro de 2013.

FÁVERO, A. A. ., COSTA, D. R. ., & CENTENARO, J. B. . (2019). Reforma do Ensino Médio no Brasil e crise mundial da educação: uma análise reflexiva da flexibilização das humanidades na educação básica. *Ensino Em Re-Vista*, 26(3), 656–676. <https://doi.org/10.14393/ER-v26n3a2019-2>

FERREIRA, F.; ABREU, R.J.; LOUZADA-SILVA, D. “Desafios da articulação entre o novo ensino médio e a BNCC: o caso do Distrito Federal”. *Revista Em Aberto*, vol. 33, n. 107, 2020.

FERREIRA, L. Educação<sup>TM</sup>: discussões sobre o “Novo Ensino Médio” do Brasil. Revista Educação e Políticas em Debate, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 254–270, 2020. DOI: 10.14393/REPOD-v8n2a2019-50356. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/50356>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

GARCIA, S. R. O., CZERNISZ, E. C. da S. ., & Pio, C. A. (2022). ‘Novo’ Ensino Médio? Customização neoliberal da formação integral. Retratos Da Escola, 16(34), 23–38. <https://doi.org/10.22420/rde.v16i34.1469>

GIROTTI, E. D. Entre o cinismo e a hipocrisia: o novo ciclo de reformas educacionais no Brasil. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v.34, n.71, p.159-174, set/out. 2018.

JACOMINI, M. A. Antonio Gramsci e a pesquisa educacional. São Paulo: Alameda, 2022